



FORMAÇÃO DOCENTE PARA A ALFABETIZAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE DAS DIFICULDADES E NECESSIDADES DE PROFESSORAS A PARTIR DE 8839 PARTICIPANTES

TEACHER TRAINING FOR INCLUSIVE LITERACY: AN ANALYSIS OF THE REAL NEEDS OF TEACHERS WORKING WITH CHILDREN WITH INTELLECTUAL DISABILITIES, AUTISM SPECTRUM DISORDER, AND OTHER LEARNING DISORDERS

Izabel Cristina Feijó de Andrade¹

Resumo: Este artigo tem o propósito de analisar as reais necessidades formativas de professoras que atuam na alfabetização de crianças com Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista e outros transtornos do desenvolvimento, a partir de dados coletados em larga escala durante a Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva. Para tanto, foi necessário identificar as principais dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização, mapear os tipos de neurodivergências que geram maior insegurança docente, compreender as expectativas formativas das participantes, analisar as dificuldades pedagógicas relatadas e interpretar os casos reais descritos pelas professoras. Dessa forma, apresentamos a alfabetização inclusiva como um processo que exige mediação cognitiva, organização do pensamento e construção de significado, considerando as especificidades do desenvolvimento humano. Essa discussão teve como base os estudos de Feuerstein, Vygotsky e autores da educação inclusiva e da modificabilidade cognitiva. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa e quantitativa, com aplicação de questionário estruturado a 8839 participantes de um evento formativo online. As análises de dados podemos considerar que as professoras enfrentam dificuldades significativas relacionadas à ausência de formação prática e metodológica, especialmente no que se refere ao como ensinar, evidenciando a necessidade de propostas formativas baseadas em estratégias mediadas, estruturadas e aplicáveis, capazes de promover avanços reais na aprendizagem de crianças neurodivergentes.

Palavras-chave: alfabetização inclusiva; mediação cognitiva; formação docente.

Abstract: This article aims to analyze the real training needs of teachers who work in the literacy process of children with Intellectual Disabilities, Autism Spectrum Disorder, and other developmental disorders, based on large-scale data collected during the “Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva.” To achieve this, it was necessary to identify the main difficulties faced in the literacy process, map the types of neurodivergence that generate greater teacher insecurity, understand participants' training expectations, analyze reported pedagogical challenges, and interpret real cases described by teachers. Thus, we present inclusive literacy as a process that requires cognitive mediation, organization of thought, and meaning

¹Doutora em Educação pela PUCRS.

construction, considering the specificities of human development. This discussion was based on the studies of Feuerstein, Vygotsky, and authors in inclusive education and cognitive modifiability. The methodology adopted was qualitative and quantitative research, using a structured questionnaire applied to 8,839 participants of an online training event. Data analysis indicates that teachers face significant difficulties related to the lack of practical and methodological training, especially regarding how to teach, highlighting the need for training programs based on mediated, structured, and applicable strategies capable of promoting real advances in the learning of neurodivergent children.

Keywords: inclusive literacy; cognitive mediation; teacher training.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de analisar as necessidades formativas de professoras no processo de alfabetização de crianças com Deficiência Intelectual (DI), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros transtornos do desenvolvimento. Para tanto, foi necessário identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas docentes, compreender os tipos de neurodivergências que mais impactam o processo de alfabetização, analisar as expectativas das professoras em relação à formação continuada e examinar relatos de casos reais vivenciados no contexto escolar. A pesquisa contou com a participação de 8.839 professoras, participantes da Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva, um evento online e gratuito voltado à formação docente, que reuniu mais de 13 mil pessoas.

Dessa forma, apresentamos uma discussão sobre alfabetização inclusiva a partir da perspectiva da mediação da aprendizagem e da modificabilidade cognitiva, compreendendo o ensino como um processo intencional, estruturado e adaptado às necessidades cognitivas dos alunos. Essa discussão teve como base os estudos, sobre formação docente na educação inclusiva (GATTI (2019); PEREIRA (2021); ARAÚJO (2020), CAMPOS (2023)), mediação pedagógica e Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (FEUERSTEIN et al, 1990), ANDRADE (2023), com destaque para os referenciais presentes nos materiais analisados.

A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa e quantitativa, com base na análise de dados provenientes de um formulário estruturado aplicado às participantes do evento. As análises dos dados permitem considerar que há uma lacuna significativa na formação docente para atuação com estudantes neurodivergentes, evidenciada pela insegurança das professoras, pela dificuldade em aplicar estratégias eficazes e pela busca recorrente por métodos que orientem a prática pedagógica na alfabetização inclusiva.

A ampliação das políticas públicas de inclusão escolar tem promovido mudanças significativas no cenário educacional brasileiro, especialmente no que se refere ao acesso de estudantes com deficiência e transtornos do desenvolvimento à escola regular. No entanto, garantir o acesso não implica, necessariamente, assegurar a aprendizagem. Nesse contexto, a alfabetização de crianças com DI, TEA e outros transtornos configura-se como um dos maiores desafios enfrentados pelas professoras, exigindo não apenas conhecimento teórico, mas, sobretudo, domínio de estratégias pedagógicas específicas e adequadas às diferentes formas de aprender. Para Campos (2023, p. 53), o maior desafio ainda é a formação de professores para essa modalidade de ensino, visto que a partir da formação outras demandas podem ser resolvidas como o currículo, o material didático, o diálogo com a família e profissionais de outras áreas que acompanham o estudante.

A literatura aponta que um dos principais entraves para a efetivação da educação inclusiva está realmente na formação docente. A ausência de preparo específico, aliada à

Revista Gepesvida

reprodução de modelos pedagógicos tradicionais e à dificuldade de articulação entre teoria e prática, contribui para a manutenção de práticas pouco eficazes no contexto inclusivo. Nesse sentido, observa-se que muitas professoras se sentem inseguras diante da necessidade de alfabetizar estudantes com diferentes perfis cognitivos, o que impacta diretamente a qualidade das intervenções pedagógicas.

Além disso, a formação docente ainda se apresenta, em muitos casos, centrada na transmissão de conteúdos, desconsiderando a complexidade dos processos de aprendizagem e as especificidades dos alunos. Essa abordagem limita a capacidade do professor de adaptar sua prática às necessidades reais da sala de aula e dificulta a construção de experiências de aprendizagem significativas. Como apontam os estudos sobre educação inclusiva, é necessário ressignificar a própria concepção de ensino, compreendendo-o como um processo que envolve interação, mediação e construção ativa do conhecimento.

Ao abordar a formação de professores para a educação inclusiva, ou seja, para uma nova modalidade de educação e ensino, apontando-se para a necessidade de uma escola diferente da que conhecemos, uma escola onde há espaços para a transformação, o diálogo, os questionamentos, a diferença e também a autonomia, tanto para professores quanto alunos. (CAMPOS, 2023, p. 83)

Nesse contexto de transformação é que vem a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, proposta por Reuven Feuerstein, que oferece uma importante contribuição ao campo educacional ao afirmar que todo indivíduo é capaz de aprender e se modificar a partir das experiências vividas. A modificabilidade cognitiva refere-se à capacidade do sujeito de transformar suas estruturas mentais de forma duradoura e transferível, sendo influenciada pela qualidade das interações estabelecidas com o meio. Essa perspectiva rompe com concepções deterministas da aprendizagem e reforça o papel da intervenção pedagógica no desenvolvimento cognitivo.

A partir dessa teoria, destaca-se o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada, no qual o professor assume o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento. Nesse modelo, a aprendizagem não ocorre de forma direta, mas é construída por meio da intervenção intencional do mediador, que organiza, seleciona e atribui significado aos estímulos apresentados ao aluno. Dessa forma, o ensino passa a ser compreendido como um processo ativo, no qual o professor desempenha um papel fundamental na promoção do desenvolvimento cognitivo.

Estudos na área da educação e da neurociência reforçam essa perspectiva ao evidenciar que o cérebro humano possui plasticidade e se modifica a partir das experiências vividas. A aprendizagem, portanto, não é um processo passivo, mas resulta de interações dinâmicas entre o indivíduo e o ambiente. Esse entendimento amplia as possibilidades de intervenção pedagógica, especialmente no contexto da educação inclusiva, ao reconhecer que todos os estudantes possuem potencial de aprendizagem, desde que tenham acesso a experiências adequadas.

Apesar dessas contribuições teóricas, observa-se que muitos professores ainda não têm acesso a formações que integrem esses conhecimentos à prática pedagógica. Isso resulta em dificuldades na implementação de estratégias eficazes, especialmente no processo de alfabetização de estudantes com maiores comprometimentos cognitivos. A ausência de direcionamento claro e de metodologias estruturadas contribui para a perpetuação de práticas que não favorecem o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Nesse cenário, torna-se fundamental ouvir as professoras e compreender suas

Revista Gepesvida

experiências no cotidiano escolar. A análise das dificuldades relatadas, das expectativas formativas e dos desafios enfrentados permite identificar lacunas na formação docente e apontar caminhos para o desenvolvimento de propostas mais eficazes. Além disso, valoriza o conhecimento produzido na prática, reconhecendo o professor como sujeito ativo na construção do saber pedagógico.

A pesquisa realizada no âmbito da Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva possibilitou o acesso a um volume significativo de dados, provenientes de 8839 participantes, o que confere relevância e consistência à análise proposta neste estudo. As respostas obtidas no formulário evidenciam padrões recorrentes que refletem as dificuldades enfrentadas pelas professoras, bem como suas necessidades formativas e expectativas em relação à alfabetização inclusiva.

Dessa forma, este artigo busca contribuir para o campo da educação inclusiva ao articular dados empíricos com referenciais teóricos que enfatizam a mediação da aprendizagem e a modificabilidade cognitiva. Ao compreender as reais demandas das professoras, torna-se possível avançar na construção de práticas pedagógicas mais eficazes, capazes de promover a aprendizagem de crianças com DI, TEA e outros transtornos, respeitando suas singularidades e potencialidades.

2. DESENVOLVIMENTO

Dificuldades na Alfabetização de Crianças Neurodivergentes

A análise das respostas das participantes evidencia que a alfabetização de crianças com Deficiência Intelectual (DI), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros transtornos constitui uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas professoras no contexto escolar. Os dados revelam sentimentos recorrentes de insegurança, frustração e ausência de direcionamento metodológico, indicando que muitas docentes não se sentem preparadas para conduzir o processo de ensino da leitura e da escrita com esse público.

Observa-se que as dificuldades não estão restritas ao conteúdo em si, mas envolvem a compreensão de como ensinar. As professoras relatam não saber como adaptar atividades, como conduzir o processo de aprendizagem ou como promover avanços consistentes, especialmente em casos de maior comprometimento cognitivo. Tal cenário aponta para uma lacuna entre a formação recebida e as demandas reais da prática pedagógica.

Essa realidade dialoga com estudos que indicam que a atuação docente, quando não fundamentada em estratégias mediadas, tende a limitar o desenvolvimento do aluno. Conforme apontado, a aprendizagem não ocorre pela simples exposição ao conteúdo, sendo necessária a intervenção intencional do professor como mediador do processo. Nesse sentido, a ausência de mediação compromete a construção do pensamento e, consequentemente, o processo de alfabetização.

Além disso, a dificuldade relatada pelas professoras evidencia a necessidade de superar práticas pedagógicas tradicionais, centradas na repetição e na memorização, que não atendem às necessidades dos estudantes com dificuldades cognitivas. A alfabetização, nesse contexto, exige uma abordagem estruturada, mediada e significativa, capaz de favorecer a compreensão e a construção do conhecimento.

Tipos de Neurodivergências e Complexidade do Processo de Ensino

Os dados analisados demonstram que as dificuldades das professoras variam de acordo com o tipo de neurodivergência apresentado pelos alunos, sendo mais recorrentes os relatos relacionados à Deficiência Intelectual e ao Transtorno do Espectro Autista. Além disso, observa-se a presença de múltiplas comorbidades, o que aumenta a complexidade do processo de ensino.

A diversidade de perfis cognitivos exige do professor uma atuação diferenciada, baseada na compreensão das especificidades de cada aluno. No entanto, a análise das respostas indica que muitas professoras não possuem formação suficiente para lidar com essa heterogeneidade, o que contribui para a dificuldade em planejar e executar intervenções pedagógicas eficazes.

De acordo com a perspectiva da modificabilidade cognitiva, todos os indivíduos possuem potencial de aprendizagem, independentemente de suas limitações iniciais. Esse potencial, no entanto, depende da qualidade das interações estabelecidas com o meio e da intervenção pedagógica realizada. Assim, a diversidade não deve ser vista como um obstáculo, mas como um elemento que exige práticas pedagógicas mais intencionais e estruturadas.

Nesse contexto, a atuação do professor como mediador torna-se ainda mais relevante, uma vez que é por meio da mediação que os estímulos são organizados e adaptados às necessidades do aluno. A ausência dessa mediação contribui para a manutenção das dificuldades de aprendizagem e limita o desenvolvimento cognitivo.

Lacunas na Formação Docente para a Alfabetização Inclusiva

A análise dos dados evidencia que uma das principais causas das dificuldades enfrentadas pelas professoras está relacionada às lacunas na formação docente. As participantes relatam não terem sido preparadas, durante sua formação inicial, para atuar com estudantes com DI, TEA e outros transtornos, o que gera insegurança e dificuldades na prática pedagógica.

Essa constatação está em consonância com estudos que apontam fragilidades na formação de professores para a educação inclusiva, especialmente no que se refere à articulação entre teoria e prática. Muitas vezes, os conteúdos abordados na formação não dialogam com as situações reais vivenciadas em sala de aula, o que limita a capacidade do professor de atuar de forma eficaz.

Além disso, observa-se que a formação continuada, quando ocorre, nem sempre oferece estratégias aplicáveis à prática, permanecendo em um nível teórico que não responde às necessidades do cotidiano escolar. Isso reforça a necessidade de propostas formativas que integrem conhecimento teórico e aplicação prática, possibilitando ao professor compreender e intervir de forma mais assertiva.

A literatura também destaca a importância de repensar a formação docente a partir de uma perspectiva inclusiva, na qual o professor seja preparado para lidar com a diversidade e para promover a aprendizagem de todos os alunos. Isso implica desenvolver competências relacionadas à mediação, à adaptação curricular e à construção de estratégias pedagógicas diferenciadas.

Expectativas das Professoras em Relação à Formação

As respostas das participantes revelam que as professoras buscam, principalmente, segurança, clareza metodológica e estratégias práticas que possam ser aplicadas no processo de alfabetização de estudantes neurodivergentes. Há uma demanda significativa por formações que ofereçam direcionamento concreto sobre como ensinar.

Entre as expectativas mais recorrentes, destacam-se o desejo de aprender métodos eficazes, compreender como adaptar atividades e desenvolver estratégias que favoreçam a aprendizagem de estudantes com diferentes níveis de comprometimento. Isso evidencia uma lacuna entre a formação oferecida e as necessidades reais das professoras.

Essa busca por orientação prática reforça a importância de uma formação baseada na mediação da aprendizagem, na qual o professor compreende não apenas o que ensinar, mas como ensinar. A mediação, nesse sentido, constitui um elemento central para a construção de práticas pedagógicas eficazes, pois permite organizar o ensino de forma intencional e significativa.

Além disso, a expectativa por formação evidencia o compromisso das professoras com o processo de aprendizagem de seus alunos, demonstrando um movimento de busca por aprimoramento profissional e por práticas mais eficazes no contexto da educação inclusiva.

Desafios Práticos na Sala de Aula: Relatos de Casos

Os relatos de casos apresentados pelas participantes constituem um dos aspectos mais relevantes da pesquisa, pois evidenciam a complexidade do processo de alfabetização no contexto inclusivo. As professoras descrevem situações que envolvem ausência de linguagem oral, dificuldades severas de aprendizagem, comportamentos desafiadores e falta de engajamento dos alunos.

Esses relatos revelam que o processo de alfabetização vai além do ensino de habilidades técnicas, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais. A diversidade de situações apresentadas reforça a necessidade de uma atuação pedagógica diferenciada, baseada na compreensão das necessidades individuais dos alunos.

De acordo com a perspectiva da mediação, o professor deve atuar como organizador do ambiente de aprendizagem, selecionando estímulos relevantes e adaptando as atividades às capacidades do aluno. A ausência dessa mediação compromete o desenvolvimento do aluno e dificulta a construção do conhecimento.

Além disso, os relatos evidenciam que muitas professoras atuam de forma intuitiva, sem um referencial teórico estruturado, o que limita a eficácia das intervenções pedagógicas. Isso reforça a importância de uma formação que ofereça suporte teórico e prático para a atuação docente.

Sonhos e Perspectivas Profissionais das Professoras

Apesar das dificuldades enfrentadas, as respostas das participantes revelam um forte compromisso com a educação inclusiva e com o desenvolvimento dos alunos. As professoras expressam o desejo de ver seus estudantes aprendendo, avançando e sendo

incluídos de forma efetiva no contexto escolar.

Os relatos indicam que, mesmo diante das limitações da formação e das dificuldades da prática, as docentes mantêm expectativas positivas em relação à sua atuação profissional. Esse aspecto evidencia a importância de investir na formação docente como forma de potencializar o trabalho já realizado pelas professoras.

Além disso, os sonhos e expectativas das participantes refletem uma concepção de educação que valoriza o desenvolvimento integral do aluno, reconhecendo suas potencialidades e respeitando suas singularidades. Essa perspectiva está alinhada com os princípios da educação inclusiva e com a proposta de uma prática pedagógica mediada e intencional.

Dessa forma, compreender os sonhos das professoras permite não apenas identificar suas motivações, mas também orientar a construção de propostas formativas que dialoguem com suas expectativas e contribuam para a melhoria da prática pedagógica.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Percepção das professoras sobre as dificuldades na alfabetização

A análise das respostas à pergunta “Você tem dificuldades para alfabetizar crianças com Deficiência Intelectual, TEA ou outros transtornos?” evidencia que a grande maioria das participantes reconhece enfrentar dificuldades significativas nesse processo. Esse dado inicial já indica a existência de um problema estrutural na formação docente, especialmente no que se refere à alfabetização inclusiva.

Os relatos apontam que essas dificuldades não se limitam ao conteúdo pedagógico, mas envolvem principalmente a ausência de estratégias eficazes e a insegurança quanto à condução do processo de ensino. Muitas professoras relatam não saber como iniciar a alfabetização, como adaptar atividades ou como promover avanços consistentes com estudantes que apresentam comprometimentos cognitivos.

Essa percepção docente dialoga diretamente com a perspectiva da mediação da aprendizagem, na qual o ensino não pode ser entendido como mera transmissão de conteúdo, mas como um processo intencional de organização do pensamento. Conforme discutido nos referenciais teóricos utilizados, a aprendizagem depende da intervenção mediadora do professor, que atua selecionando, organizando e atribuindo significado aos estímulos apresentados ao aluno. Quando essa mediação não ocorre de forma estruturada, o aluno pode até reproduzir respostas, mas não constrói conhecimento.

Além disso, a alta incidência de respostas afirmativas evidencia que a dificuldade não é pontual, mas generalizada, indicando que o problema não está no aluno, mas na ausência de preparo adequado para o trabalho com a diversidade cognitiva. Esse dado reforça a necessidade de repensar os modelos de formação docente, de modo a contemplar estratégias específicas para a alfabetização de estudantes neurodivergentes.

Neurodivergências e complexidade do ensino

As respostas à pergunta sobre os tipos de neurodivergências que mais geram

Revista Gepesvida

difficuldade revelam que a Deficiência Intelectual e o Transtorno do Espectro Autista são os perfis que mais desafiam as professoras no processo de alfabetização. Além disso, observa-se a presença de múltiplas condições associadas, o que aumenta ainda mais a complexidade do ensino.

Esse dado evidencia que a diversidade presente em sala de aula exige uma atuação pedagógica diferenciada, baseada na compreensão das especificidades cognitivas de cada aluno. No entanto, a análise das respostas indica que muitas professoras não possuem formação suficiente para lidar com essa heterogeneidade, o que compromete a eficácia das intervenções pedagógicas.

De acordo com a teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, todos os indivíduos são capazes de aprender, desde que sejam submetidos a experiências de aprendizagem mediada adequadas às suas necessidades. Nesse sentido, a dificuldade não está na condição do aluno, mas na ausência de intervenções pedagógicas que considerem suas particularidades.

A complexidade dos perfis apresentados exige que o professor vá além de práticas padronizadas, desenvolvendo estratégias que favoreçam a construção do pensamento e a compreensão do conteúdo. Isso implica reconhecer que a alfabetização de crianças com DI, TEA e outros transtornos demanda um ensino intencional, estruturado e adaptado, fundamentado em princípios de mediação.

Expectativas formativas das docentes

As respostas à pergunta “O que você espera aprender na Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva?” revelam uma demanda clara por formação prática e aplicável. As professoras expressam o desejo de aprender métodos, estratégias e caminhos que possam ser utilizados diretamente em sala de aula.

Entre as expectativas mais recorrentes, destacam-se a busca por segurança na prática pedagógica, a compreensão de como ensinar estudantes com diferentes níveis de comprometimento e a necessidade de orientação clara sobre o processo de alfabetização inclusiva. Esse dado evidencia que as professoras reconhecem suas limitações formativas e buscam ativamente superá-las.

Essa busca por formação está alinhada com a necessidade de uma prática pedagógica mediada, na qual o professor compreende o papel da intencionalidade no ensino. Conforme apontado nos referenciais teóricos, a mediação é o elemento que transforma o ensino em aprendizagem significativa, permitindo que o aluno estabeleça relações, organize o pensamento e atribua significado ao conteúdo.

Além disso, as expectativas das professoras revelam uma lacuna entre a formação oferecida e as demandas reais da prática, indicando a necessidade de propostas formativas que integrem teoria e prática, com foco em estratégias aplicáveis no contexto da sala de aula.

Dificuldades específicas no processo de alfabetização

Ao serem questionadas sobre suas maiores dificuldades na alfabetização de crianças com DI, TEA e outros transtornos, as professoras apontam desafios relacionados à atenção, compreensão, memória, linguagem e generalização da aprendizagem. Esses aspectos evidenciam que a dificuldade não está apenas na aquisição do código escrito, mas na construção das funções cognitivas necessárias para a aprendizagem.

Revista Gepesvida

Os dados indicam que muitas crianças apresentam dificuldades em compreender o que estão fazendo, manter o foco nas atividades e transferir o conhecimento aprendido para novas situações. Isso demonstra que a alfabetização, nesses casos, exige uma intervenção que vá além do ensino mecânico, contemplando o desenvolvimento cognitivo do aluno.

A literatura utilizada como base deste estudo destaca que o desenvolvimento das funções cognitivas depende da qualidade das interações mediadas, sendo o professor responsável por organizar o ambiente de aprendizagem e promover experiências significativas. Sem essa mediação, o aluno tende a apresentar dificuldades persistentes, mesmo após repetidas exposições ao conteúdo.

Dessa forma, os dados reforçam a necessidade de uma abordagem pedagógica que integre alfabetização e desenvolvimento cognitivo, reconhecendo que o processo de aprendizagem depende da construção de habilidades como atenção, memória, percepção e linguagem.

Sonhos e identidade profissional docente

As respostas relacionadas ao maior sonho profissional das participantes revelam um forte compromisso com a aprendizagem dos estudantes e com a construção de uma educação inclusiva de qualidade. As professoras expressam o desejo de ver seus estudantes aprendendo, avançando e sendo incluídos de forma efetiva no ambiente escolar.

Esse dado evidencia que, apesar das dificuldades enfrentadas, as docentes mantêm uma postura de responsabilidade e engajamento com sua prática profissional. Há um movimento de busca por melhoria, por formação e por estratégias que possibilitem uma atuação mais eficaz.

Essa dimensão subjetiva da profissão docente é fundamental para compreender o contexto da alfabetização inclusiva, pois demonstra que o problema não está na falta de interesse ou compromisso das professoras, mas na ausência de suporte formativo adequado. Conforme apontam os estudos sobre formação docente, é necessário oferecer condições para que o professor desenvolva competências que lhe permitam atuar com segurança e intencionalidade.

Assim, os sonhos das professoras refletem não apenas suas expectativas individuais, mas também a necessidade de transformação das práticas formativas, de modo a garantir uma educação mais inclusiva e eficaz.

Análise dos relatos de casos

Os relatos de casos apresentados pelas participantes constituem um dos elementos mais ricos da pesquisa, pois evidenciam a realidade concreta da alfabetização no contexto inclusivo. As descrições incluem situações de crianças não verbais, com dificuldades severas de aprendizagem, comportamentos desafiadores e ausência de progressos significativos.

Esses relatos revelam que muitas professoras enfrentam situações complexas sem o suporte necessário, atuando de forma intuitiva e sem um referencial teórico estruturado.

Revista Gepesvida

Isso compromete a eficácia das intervenções e contribui para a manutenção das dificuldades de aprendizagem.

De acordo com os estudos sobre mediação da aprendizagem, o professor deve atuar como mediador, organizando os estímulos e adaptando o ensino às necessidades do aluno. A ausência dessa mediação resulta em práticas pedagógicas pouco eficazes, que não promovem o desenvolvimento cognitivo.

Além disso, os relatos reforçam a necessidade de uma formação que prepare o professor para lidar com a complexidade do contexto inclusivo, oferecendo ferramentas teóricas e práticas que orientem sua atuação. A análise dos casos evidencia que a alfabetização de crianças neurodivergentes exige uma abordagem diferenciada, baseada na intencionalidade, na mediação e na compreensão das necessidades individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados coletados com 8839 participantes da Jornada da Nova Era da Alfabetização Inclusiva, foi possível evidenciar que a alfabetização de crianças com Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista e outros transtornos do desenvolvimento constitui um dos maiores desafios enfrentados pelas professoras na prática pedagógica. Os resultados apontam, de forma consistente, para a existência de lacunas significativas na formação docente, especialmente no que se refere à aplicação de estratégias eficazes no contexto da educação inclusiva.

Observou-se que as dificuldades relatadas pelas professoras não estão centradas apenas nas características dos alunos, mas, sobretudo, na ausência de formação específica que contemple o “como ensinar”. A insegurança, a falta de direcionamento metodológico e a dificuldade em adaptar práticas pedagógicas evidenciam a necessidade de repensar os modelos de formação inicial e continuada, de modo a aproximá-los das demandas reais do cotidiano escolar.

Além disso, os dados revelam que a diversidade de perfis neurodivergentes, associada à presença de múltiplas comorbidades, amplia a complexidade do processo de alfabetização, exigindo do professor uma atuação intencional, estruturada e mediada. Nesse sentido, a mediação da aprendizagem se apresenta como um elemento central para a construção do conhecimento, uma vez que possibilita a organização do pensamento, a atribuição de significado e o desenvolvimento das funções cognitivas necessárias à aprendizagem.

As expectativas das professoras em relação à formação evidenciam uma busca por estratégias práticas, aplicáveis e fundamentadas, o que reforça a necessidade de propostas formativas que integrem teoria e prática. Essa demanda revela não apenas uma lacuna formativa, mas também o compromisso das docentes com a aprendizagem de seus estudantes e com a construção de uma educação inclusiva de qualidade.

Os relatos de casos analisados confirmam a complexidade da realidade vivenciada em sala de aula, evidenciando que muitas professoras atuam sem o suporte necessário, o que compromete a eficácia das intervenções pedagógicas. Esses dados reforçam a importância de investir em formações que preparem o professor para lidar com a diversidade, oferecendo ferramentas que orientem sua prática de forma consistente e intencional.

Por outro lado, destaca-se que, mesmo diante das dificuldades, as professoras demonstram um forte engajamento com sua atuação profissional, expressando o desejo

Revista Gepesvida

de ver seus estudantes aprendendo, avançando e sendo incluídos de forma efetiva. Esse aspecto evidencia que há um potencial significativo a ser desenvolvido, desde que as condições formativas adequadas sejam oferecidas.

Dessa forma, conclui-se que a alfabetização inclusiva não pode ser compreendida apenas como a adaptação de conteúdos, mas como a construção de um processo pedagógico mediado, que considere as especificidades cognitivas dos estudantes e promova a aprendizagem de forma significativa. Para isso, torna-se imprescindível investir na formação docente, com foco em práticas mediadas, estruturadas e fundamentadas teoricamente, capazes de transformar a realidade da educação inclusiva.

Por fim, este estudo contribui para o campo da educação ao evidenciar, a partir de dados em larga escala, as reais necessidades das professoras que atuam na alfabetização de crianças neurodivergentes, oferecendo subsídios para a construção de políticas formativas e práticas pedagógicas mais eficazes, coerentes com os princípios da inclusão e com as demandas contemporâneas da educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. **Alfabetização de crianças com deficiência intelectual: avanços teóricos e práticos na aplicação do método fônico mediado.**

Número 21. Volume 9. 2023. ISSN: 2447-3545. Disponível em:

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>. Acesso: dez 2026.

MACÊDO, Cláudia Roberto Soares de.

A criança com transtorno do espectro autista (TEA) e o professor: uma proposta de intervenção baseada na experiência de aprendizagem mediada (EAM). 2015.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

CAMPOS, ROSANA APARECIDA. **A formação de professores para a educação inclusiva:** Os avanços e desafios da educação especial no município de Quirinópolis - GO / Rosana Aparecida Campos. – Dourados, MS: UEMS, 2023.

ARAÚJO, Luiz David de; COSTA FILHO, Waldir Macieira da. **A Educação Inclusiva como Direito Fundamental e a Inconstitucionalidade do Decreto Federal no .**

10.502/2020. São Paulo: Instituto Alana. 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. BARRETTO. Elba Siqueira de Sá. Professores do Brasil: Novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

PEREIRA, Dayane Correia. Educação Inclusiva e prática educacional do Professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Uma Revisão Sistemática de Pesquisas de 2009 a 2020. 2021. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. 2021.

FEUERSTEIN, Reuven et al. Learning and Thinking Styles: Classroom Iteration. NEA School Restructuring Series. Washington, D.C.: National Education Association, Research for Better Schools, Inc., Philadelphia, Pa, 1990